

Texto de Charles e Mary Lamb

Romeu e Julieta & Como Gostais

Ilustrações de Mozart Couto



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal

Texto de Charles e Mary Lamb
Romeu e Julieta
&
Como Gostais
Ilustrações de Mozart Couto



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal

Romeu e Julieta



As duas principais famílias de Verona eram os ricos Capuletos e Montecchios. Uma antiga rixa entre ambas as famílias, todavia, chegara a tal intensidade e tão letal era essa inimizade, que a mesma se estendia aos mais remotos parentes, partidários e criados dos dois lados, a tal ponto que um servidor da casa dos Montecchios não podia se encontrar com um similar, da família dos Capuletos, nem um dos Capuletos se deparar, por acaso, com um do lado dos Montecchios, sem que logo surgissem ferozes discussões, às vezes, até mesmo, cenas de sangue; e de tão



frequentes eram as brigas desses acidentais encontros, que estas perturbavam, sobremaneira, a alegre quietude das ruas de Verona.

Ocorre que o velho dom Capuleto promoveu certa noite um jantar de gala, para o qual foram convidados inúmeras damas e nobres cavalheiros. Todas as festejadas e admiradas beldades de Verona estavam presentes, e todos os mais promissores partidos foram bem-vindos, desde que, naturalmente, não tivessem quaisquer vínculos com a casa dos Montecchios. Rosalina, a amada de Romeu — filho do velho dom Montecchio —, estava

presente; e embora fosse perigoso para um Montecchio ser visto em tal reunião social, ainda assim, Benvólio, um amigo de Romeu, persuadirá o jovem fidalgo a comparecer à festa, naturalmente com as feições ocultas por uma máscara, a fim de que ele pudesse ver sua Rosalina e, ao vê-la, compará-la com outras tantas e tão variadas lindezas de Verona, as quais — segundo dissera — fá-lo-iam considerar seu cisne um deselegante corvo.

Romeu não levou muito a sério as palavras de Benvólio, ainda assim, pelo amor a Rosalina, convenceu-se a ir ao jantar, pois ele era um amante apaixonado e sincero; que perdia o sono por causa do amor, e evitava o convívio social, só para ficar sozinho, pensando em Rosalina, a qual todavia o desprezava, pois jamais recompensara tamanho amor, com a mais leve demonstração de cortesia ou afeto; eis por que Benvólio desejava curar a paixão do amigo, expondo-o diante de toda aquela diversidade de formosas donzelas.

Àquela festa dos Capuletos, o jovem Romeu, em companhia de Benvólio e de Mercúrio, um amigo comum, compareceram mascarados. Dom Capuleto os recepcionou em pessoa, dizendo-lhes alegremente que todas as moças, cujos dedos dos pés não estivessem atormentados por calos, certamente dançariam com eles. Inteiramente à vontade, despreocupado e alegre, o velho fidalgo confidenciou que em sua juventude também usara máscaras, e mais de uma vez sussurrara coisas de amor aos ouvidos de uma ou outra linda donzela..

Começado o baile, Romeu sentiu-se subitamente atraído pela estonteante beleza de uma moça que ali dançava. “Ela parece ensinar as chamas das velas a brilharem com mais intensidade; sua beleza, exibida à noite, terá decerto o resplendor de uma rica jóia ostentada por uma pessoa de cor; uma beleza rica demais para ser usada; demasiadamente cara para o planeta Terra: é como um alvíssimo cisne voando em companhia de corvos, e sua beleza e perfeição cintilam profusamente, muito acima de todas as damas, suas companheiras” — exclamou, Romeu, enlevado.

Todos aqueles louvores foram ouvidos por Tebaldo, um sobrinho de dom Capuleto, que pela voz reconheceu Romeu. Tebaldo, de temperamento colérico e impulsivo, não admitia a idéia de que um Montecchio qualquer tivesse ido ao baile, oculto por uma máscara para, no seu entender, se aproveitar da festa para zombar e escarnecer de sua família. Irritado ao extremo e trêmulo de raiva, Tebaldo teria matado Romeu, não fora a intervenção do tio, o velho fidalgo, dom Capuleto, impedindo-o, por dois

motivos de executar qualquer ato violento; em primeiro lugar, em respeito aos nobres convidados e também porque Romeu nascera fidalgo, um cavalheiro, visto que todo mundo em Verona era unânime em louvar suas virtudes e bom comportamento. Assim, forçado a, contrariamente a sua vontade, se acalmar, Tebaldo refreou seus instintos, mas jurou que, tão cedo quanto possível, aquele desprezível Montecchio haveria de pagar por sua intrusão.

Terminadas as danças, Romeu prestou atenção onde a moça ficara, e protegido pela máscara que usava, a qual, em parte, parecia lhe dar uma certa liberdade, ele ousou, com extrema delicadeza, tomá-la por uma das mãos, a que taxou de sacrário, aduzindo que, caso seu toque o profanasse ele, qual um ruborizado peregrino, beijá-lo-ia a fim de expiar sua falta.

— Meu bom peregrino, — retrucou a moça — vossa devoção parece-me excessivamente cortês e fidalga. Santos têm mãos que peregrinos tocam, mas não as beijam.

— Por acaso, — tornou Romeu — os santos também não têm lábios, tanto como os peregrinos?

— Têm-nos, sim, mas devem ser usados apenas em suas preces.

— Nesse caso, minha querida santa, ouve minha oração, — completou Romeu — e favorece-a, a fim de que eu não me desespere!

Encontravam-se os dois em meio a tais alusões e conceitos românticos, quando a mãe da moça a chamou. E Romeu, pesquisando de quem se tratava, descobriu que aquela inigualável beldade, que tanto o impressionara, era a jovem Julieta, filha e herdeira de dom Capuleto, o grande inimigo dos Montecchios; e que ele, sem o saber, entregara o próprio coração a seu desafeto. Isso, claro, deixou-o inquieto, todavia incapaz de dissuadi-lo a renunciar ao amor. Não menos atribulada ficou Julieta, ao saber que o atencioso rapaz com quem conversara era Romeu, um Montecchio, pois ela igualmente se sentira envolvida por aquele mesmo tipo de paixão, apressada e imprudente; e ao que lhe parecia, nascera ali um prodigioso romance, já que ela teria que amar um inimigo, dirigindo seus afetos a alguém que as considerações familiares a induziam a, principalmente, odiar.

À meia-noite, Romeu e seus companheiros se retiraram, mas seus acompanhantes logo sentiram sua falta, pois o fidalgo, não querendo se afastar do local onde deixara seu coração, retornou e escalou o muro do pomar atrás da casa de Julieta. E mal começava a ruminar sua nova paixão, quando a moça assomou a uma janela, através da qual sua inexecedível beleza

dava a impressão de romper como a luz do nascente; e a lua, que brilhava debilmente sobre o pomar, a Romeu lhe pareceu enferma e pálida, como uma espécie de tristeza, diante do esplendor de um novo sol que despontava. E quando Julieta apoiou uma das mãos sobre o rosto, ele desejou apaixonadamente ser uma luva, a calçar aquela mão, pois assim poderia tocar-lhe as faces.

Julieta, julgando estar sozinha, emitiu um prolongado suspiro, exclamando:

— Ai de mim!...

Romeu, entusiasmado com o que ouvira, exclamou em voz baixa, sem que a moça o escutasse:

— Volta a falar, resplandecente anjo, pois tal me parece ser, pairando aqui sobre minha cabeça qual um arauto celestial alado, a quem qualquer mortal desfalece só de contemplar!

Ela, sem saber que estava sendo ouvida e ainda influenciada pela noturna aventura daquela noite, que dera berço a uma nova paixão, chamou o amado pelo nome — a quem supunha estar ausente:

— Oh! Romeu, Romeu, por que és Romeu? Pelo meu bem, eu te peço: renega teu pai e recusa seu nome ou, se não o fizeres, jura-me teu amor e não mais serei uma Capuleto.

Com esse encorajamento, Romeu sentiu ímpetos de falar, mas preferiu, ao invés, ouvir um pouco mais. E a donzela prosseguiu proferindo seu apaixonado monólogo, pois ignorava a presença de seu amado, repetindo sua censura ao fato de Romeu ser Romeu, pior de tudo, um Montecchio; por isso, desejou que ele tivesse um outro nome, ou que se livrasse daquele incômodo sobrenome, pois sem o mesmo fazer parte dele, ela seria inteiramente sua.

Diante disso, Romeu não mais conseguiu se refrear, e tomando o diálogo como se suas palavras tivessem sido a ele pessoalmente dirigidas, e não meramente em fantasia, pediu a Julieta que o tratasse por Amor, ou por outro qualquer nome que lhe aprouvesse, pois não mais seria Romeu, se tal nome de fato a desagradava.

Apavorada ao escutar uma voz de homem em seu pomar, Julieta não atentou a princípio quem, protegido pela noite e pela penumbra, teria descoberto seu segredo, mas quando ele voltou a se manifestar, embora seus ouvidos não tivessem absorvido sequer uma centena de palavras proferidas por aquela boca — ainda assim o vocabulário de um amado é

tão gostoso de ouvir — que ela imediatamente soube tratar-se do jovem Romeu e por isso advertiu-o do perigo a que se expusera, escalando o muro do pomar, visto que se algum de seus parentes o descobrisse ali, ele seria um homem morto, pois era um Montecchio.

— Sinto muito — desculpou-se Romeu —, mas há muito mais perigo em teus olhos do que em vinte espadas deles. Basta que me fites com bondade, minha doce criatura, e estarei imune a essa inimizade. É melhor que minha vida termine por causa do ódio de teus parentes, que minha odiada vida se prolongue sem teu amor!

— Como chegastes até aqui? — quis saber Julieta. — E quem te ensinou o caminho?

— Foi o amor quem me dirigiu — respondeu Romeu. — Não sou nenhum piloto, mas mesmo que tu estivesse bastante longe de mim, tal como numa praia imensa, banhada pelo mar mais distante, eu me arriscaria por um bem tão precioso!

Ao refletir sobre a revelação que fizera, embora sem o querer, de seu amor pelo fidalgo, um rubor carmesim tomou conta do rosto de Julieta, todavia não percebido por Romeu, por causa da escuridão da noite. De bom grado ela recolheria tudo o que dissera, mas isso era simplesmente impossível; melhor seria que se tivesse cingido à formalidade e mantido o amado à distância, conforme rezavam os costumes das discretas damas, encarando-o com frieza e mostrando-se difícil; pois as moças recatadas costumavam dirigir a seus pretendentes, a princípio, pungentes recusas; esquivando-se e, claro, afetando pudor e indiferença, apesar de apaixonadas, a fim de que seus eleitos não imaginassem tê-las conquistado de modo tão fácil e rápido, visto que a dificuldade da conquista como que aumenta o valor do objeto. Só que, no seu caso, não havia espaço para negativas ou esquivas, ou para quaisquer outros costumeiros artifícios de adiamentos e prolongadas cortes. Romeu ouvira, de sua própria boca, a confissão de amor, num instante em que ela jamais sonharia tê-lo por perto. Assim, com honesta franqueza, justificada pela revelação de sua situação, Julieta confirmou a verdade do que ele anteriormente ouvira, e tratando Romeu por “belo Montecchio” — afinal, o amor é capaz de adoçar um nome amargo —, ela lhe implorou que não considerasse leviana ou incoseqüente sua capitulação, mas que sua falta — se é que houvera uma — deveria ser atribuída ao acidente daquela noite, segundo o qual tão estranhamente revelara seus pensamentos. E juntou que, embora suas atitudes, com

relação a ele, Romeu, não fossem tão suficientemente prudentes, dados os costumes de seu sexo, ainda assim ela provaria que eram muito mais verdadeiras que os de tantas outras, cuja prudência era simplesmente fingida e cuja modéstia não passava de astuciosa esperteza.

Romeu começava a clamar aos céus por testemunhas, pois que, por nada neste mundo seria ele capaz de lançar a mínima afronta a tão honrada dama, quando Julieta pediu-lhe que se calasse, implorando-lhe que não jurasse, pois se era certo que se agradava da presença dele, ainda assim desgostava-se com o ocorrido daquela noite, posto que tão precipitado, imprudente e repentino. Mas como Romeu insistisse na troca de juras de amor, Julieta lhe respondeu que de sua parte já o fizera, naturalmente aludindo ao fato de o rapaz ter ouvido, sem sequer o pedir, sua confissão, mas seria capaz de desdizer o que antes afirmara, só pelo prazer de repetir tudo, pois sua generosidade era tão infinita quanto o mar, e seu amor tão profundo quanto este.

Quando ainda se achavam entretidos naquele diálogo amoroso, eis que Julieta foi chamada por sua dama de companhia, que dormia no mesmo quarto, e que lhe disse que, no seu entender já era hora de se recolherem ao leito, pois o dia estava quase rompendo; a moça atendeu o chamado de sua aia, mas voltou depressa, para dirigir mais umas três ou quatro palavras a Romeu, fazendo-o ver que, se de fato seu amor era nobre e havia como propósito o casamento, nesse caso, assim que amanhecesse, ela lhe mandaria um recado, pedindo-lhe que marcasse a hora do casório, quando depositaria a seus pés toda sua fortuna e prometendo acompanhar seu senhor aonde quer que ele fosse, por todo este mundo. Mais de uma vez, Julieta voltou a ser chamada por sua aia, mas entregou-se a um estranho expediente de entrar e voltar, e em seguida tornar a entrar e voltar, como enciumada por ter de ser largada por seu amado, como se fora uma menininha que deixava seu passarinho saltitar um pouco além de sua mão, para depois recolhê-lo com um fio de seda; e Romeu, tanto quanto Julieta, como que relutava em ir-se embora, já que a melhor melodia para quem ama é decerto o som, à noite, da voz da pessoa amada. Mas por fim se separaram, com mútuos desejos, para aquele resto de noite, de um agradável sono e um repouso separador.

O dia quase raiava quando os dois se afastaram um do outro e Romeu, impressionado com Julieta e com o abençoado encontro daquela, não apresentava a mínima disposição para dormir, por isso, em vez de voltar



para casa, tomou o rumo de um mosteiro das proximidades, a fim de se avistar com frei Lourenço. O bom frade, que despertara cedo, e já se dedicava a suas devoções, ao ver Romeu aparecer nas primeiras horas da manhã, logo deduziu que o rapaz não dormira naquela noite, e que um desatino, qualquer, provavelmente oriundo de algum arroubo de mocidade tê-lo-ia impedido de se recolher ao leito. Ele acertou quanto a atribuir ao amor, a vigília do rapaz, mas equivocou-se quanto ao objeto de seus sentimento. uma vez que, imaginara, fora a paixão por Rosalina que o deixara insone. Mas quando Romeu revelou sua nova paixão por Julieta, e pediu sua ajuda, a fim de casá-los, naquele mesmo dia, o religioso franziu o cenho e ergueu os braços, em sinal de espanto por aquela inesperada metamorfose na afeição do rapaz, pois Romeu anteriormente lhe confessara toda a paixão que sempre nutrira por Rosalina e suas queixas de como ela invariavelmente o desdenhava; e comentou que o amor dos jovens não repousava propriamente nos corações, mas sim nos olhos.

Mas quando Romeu ponderou que ele próprio constantemente se censurava por sua cega paixão por Rosalina, que o desprezava e que com Julieta dera-se algo diferente, ela o amava e era por ele amada, o frade findou, de certo modo, concordando com suas razões e pensando que uma aliança matrimonial entre os jovens Julieta e Romeu bem que poderia ser um feliz evento, capaz de acabar com aquela prolongada disputa entre Capuletos e Montecchios, a qual ninguém mais lamentava quanto ele, por ser amigo das duas famílias, e sempre e invariavelmente intervieria no sentido de harmonizá-las, todavia sem proveito, parcialmente movido pela política e parcialmente pela afeição que tinha pelo rapaz, a quem praticamente nada podia negar, decidiu-se por unir as mãos dos apaixonados em casamento.

Diante disso, Romeu se sentiu verdadeiramente abençoado e Julieta, tendo sabido, por intermédio de uma mensageira, que ela a despachara, conforme o prometido, das intenções do amado, tratou quanto antes de comparecer logo cedo à cela de frei Lourenço, onde as mãos dos dois jovens foram unidas em sagrado matrimônio, e com o bom frade orando para que os céus favorecessem aquele ato, e que a união de um Montecchio, com uma Capuleto, sepultasse em definitivo a prolongada dissensão entre as duas famílias.

Concluída a religiosa cerimônia, Julieta apressou-se em voltar para casa, onde permaneceu impaciente e ansiando pela chegada da noite, ocasião

em que Romeu prometera aparecer, para se encontrar com ela no pomar onde se tinham avistado antes, e esse entretanto lhe pareceu tão tedioso quanto se sente uma ávida criança, numa noite que precede uma esperada grande festa e quando deverá estrear um novo vestido.

Naquele mesmo dia, por volta do meio-dia, Benvólio e Mercúrio, amigos de Romeu, ao passear pelas ruas de Verona, toparam com um grupo dos Capuletos, liderado pelo impetuoso Tebaldo, o mesmo que intentara desafiar Romeu, durante o passado jantar festivo, todavia dissuadido em contrário pelo velho fidalgo e que, ao ver Mercúrio, acusou-o asperamente de ser partidário de Romeu, um Montecchio. Mercúrio, em cujas veias corria o mesmo tipo de sangue, impulsivo e juvenil, quanto o de Tebaldo, contestou a acusação com igual aspereza, e apesar de tudo o que o amigo Benvólio dizia, a fim de moderar sua ira, o fato foi que uma disputa estava prestes a se iniciar, quando Romeu sucedeu de passar pelo local, e incontinentemente Tebaldo voltou sua cólera, de Tebaldo, contra ele, tachando-o afrontosamente de plebeu.

Romeu queria evitar qualquer disputa com Tebaldo, pois seria este o último homem do mundo com quem desejava porfiar, ele que era um parente próximo de Julieta, e por ela amado; para completar, aquele jovem Montecchio jamais se imiscuira nas contendas da família, sendo por natureza discreto e prudente, e o nome de Capuleto, o mesmo de sua adorada Julieta, lhe assomava agora como uma espécie de encanto, a fim de amai-nar ressentimentos, em vez de uma senha no incitamento de cólera.

Por isso, Romeu tentou se entender com Tebaldo, a quem elegantemente cumprimentou pelo nome de “Bom Capuleto”, como se, mesmo sendo um Montecchio, tivesse algum secreto prazer em pronunciar aquele sobrenome; mas Tebaldo, que odiava todo e qualquer Montecchio, tanto quanto detestava o inferno, preferiu não ouvir a voz da razão e, ao invés, desembainhou a própria espada; e Mercúrio, que ignorava os secretos motivos por que o amigo desejava fazer as pazes com Tebaldo, e ao contrário, considerando seu procedimento uma espécie de tranquila e desonrosa submissão, dirigiu a Tebaldo uma série de desdenhosas ofensas, provocando-o a que desse prosseguimento à querela inicial.

Os dois entraram em luta, até que Mercúrio tombou, ao receber um ferimento mortal, enquanto Romeu e Benvólio tentavam, em vão, desapartar os contendores. Diante da morte de Mercúrio, Romeu não mais se conteve, devolvendo a Tebaldo a ofensiva denominação de plebeu, e aí então luta-

ram entre si, até que o primo de Julieta foi morto por Romeu, fulminado por um golpe certo.

Como o fatal tumulto ocorreu na cidade de Verona, em pleno meio-dia, sua notícia depressa se espalhou, atraindo para o local uma multidão de cidadãos, dentre os quais os fidalgos rivais, dom Capuleto e dom Montecchio, acompanhados de suas esposas; e pouco depois apareceu o próprio príncipe, em pessoa, o qual, sendo aparentado com Mercúrio, assassinado por Tebaldo, e agastado com o fato de a rixa entre as duas famílias perturbar seu governo, chegou decidido a aplicar o rigor da lei contra quem quer fosse considerado transgressor. Benvólio, testemunha ocular de toda aquela agitação, foi intimado pelo príncipe a que lhe relatasse como tudo começara, o que de fato ele o fez, mantendo-se quanto possível nos limites da verdade, sem causar qualquer dano a Romeu, suavizando e justificando a atuação de seus amigos.

A mulher de dom Capuleto, cujo extremo pesar pela perda de Tebaldo, seu parente consanguíneo, fazia com que não estabelecesse quaisquer limites para se vingar, exortou o príncipe a exercer a mais rigorosa justiça contra o assassino, e que não levasse em conta a representação de Benvólio, visto ser este não apenas um amigo de Romeu, como ele próprio um Montecchio, razão por que falara com parcialidade. Intercedia, assim, contra seu novo genro, embora ignorasse ser Romeu, de fato, seu novo genro, e marido de Julieta. Do outro lado, ao contrário, a esposa de dom Montecchio implorava que o príncipe poupasse a vida do filho, argumentando que, a bem da justiça, o rapaz nada fizera que justificasse sua punição por ter tirado a vida de Tebaldo, o qual já satisfizera a lei, ao matar Mercúrio. Sem se deixar influenciar pelas exclamações apaixonadas das duas senhoras, e após um cuidadoso exame da situação, pronunciou sua sentença, e segundo a qual Romeu seria banido de Verona.

Péssima notícia, naturalmente, para a jovem Julieta, recém-casada há poucas horas e de repente, por aquele decreto, ao que lhe parecia, divorciada para sempre. Quando as novas chegaram até Julieta, esta a princípio deu vazas à sua ira contra Romeu, que matara seu querido primo Tebaldo, razão porque o chamou de belo tirano, um angelical demônio, um ponbo esfomeado, um cordeiro com instinto de lobo, coração de serpente com um rosto afortunado, além de tantas outras contraditórias qualificações, as quais denotavam as lutas que se processavam em sua mente, e que oscilavam entre o amor e o ressentimento. Mas por fim, todavia, o amor assumiu

o comando da situação, e as lágrimas que vertera em pesar por Romeu ter assassinado seu primo, transformavam-se agora em gotas de júbilo por saber que o amado continuava vivo, o qual poderia ter sido morto por Tebaldo. E de repente, uma nova torrente de lágrimas, desta feita, de tristeza, pelo banimento do marido. A palavra lhe parecia mais terrível que a morte de muitos Tebaldos.

Romeu, após o duelo, buscou guarida na cela de frei Lourenço, onde tomou conhecimento, antes de tudo, da sentença do príncipe, a qual lhe pareceu muito pior que a morte, pois, no seu entendimento, era como se o mundo não existisse fora dos muros de Verona, e que não poderia viver sem a presença de Julieta. O paraíso certamente existia onde sua linda esposa estivesse; longe dela, o restante era: o purgatório, o sofrimento, o inferno. O bom frade ainda tentou consolar o rapaz, com o consolo de sua filosofia de vida, mas o nervoso jovem não lhe deu ouvidos e, qual uma criatura enlouquecida, deu vazas à sua revolta, pôs-se a arrancar os cabelos e atirou-se no chão, conforme mesmo o disse, a fim de tomar as medidas da própria sepultura. Nisso, depois de consumada a explosão de indignação, foi despertado pela chegada de um recado de sua amada, que de algum modo o reanimou, ocasião de que se aproveitou o religioso para repreendê-lo pela pouca viril fraqueza há pouco demonstrada. Claro, Romeu matara Tebaldo, mas por acaso deveria atentar contra a própria vida, ou acabar com a existência da mulher querida, que aquela altura vivia em função dele? Certamente que não. A nobre forma de um homem, expôs o frade, é como se um molde em cera que demande coragem para se firmar. A lei, até, que lhe fora leniente, condenando-o ao exílio, em vez da morte. Ele acabara com Tebaldo, é verdade, mas este decerto o teria assassinado, de modo que ele, Romeu, poderia se regozijar com o fato de que Julieta continuava viva e, melhor de tudo, além de todas as esperanças, era agora sua adorada esposa, circunstância capaz de torná-lo extraordinariamente feliz. Mas apesar de todos esses argumentos, Romeu continuava revoltado, qual um menino irascível e malcriado.

O monge recomendou então ao descontrolado Romeu que tomasse cuidado, pois os desesperados geralmente morrem infelizes. E quando o viu mais tranqüilo, aconselhou-o a que, naquela noite, se despedisse secretamente de Julieta para em seguida tocar diretamente para Mântua, ali permanecendo até que ele, frei Lourenço, julgasse adequado o instante de anunciar seu casamento, o que seria, sem dúvida, uma excelente oportuni-

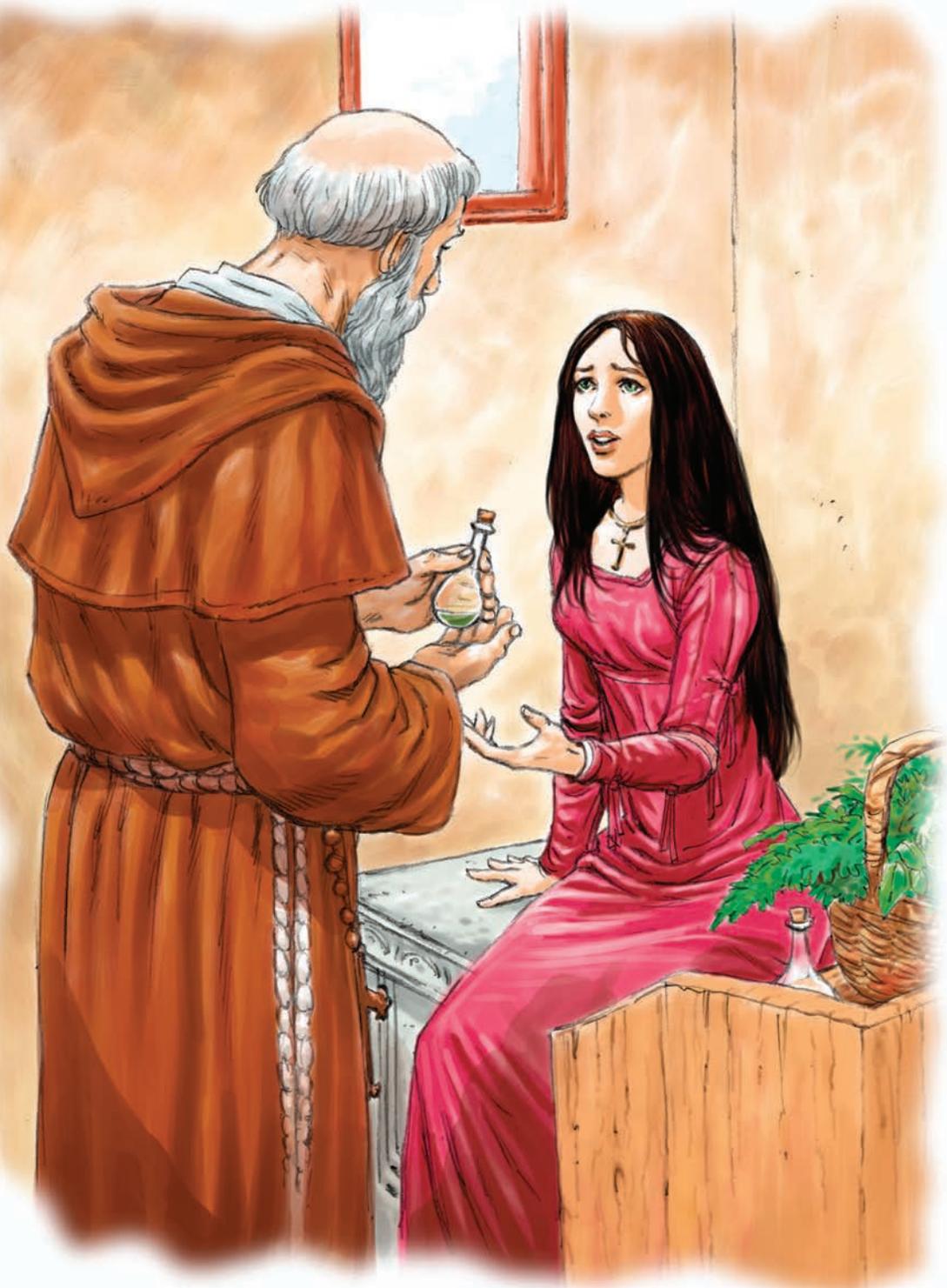
dade de reconciliar as duas famílias, pois não duvidava de que o príncipe logicamente o perdoaria e ele então poderia regressar a Verona, vinte vezes mais alegre, em comparação com a mágoa com que partira, ao ser banido. Romeu por fim aceitou os conselhos do frade e retirou-se a fim de ir ao encontro de sua esposa, propondo-se a com ela passar a noite, e logo ao raiar de um novo dia, encetaria uma nova jornada até Mântua, para onde o fiel religioso prometera regularmente lhe, escrever, pondo ao par do que acontecia na cidade.

Romeu passou a noite inteira em companhia da adorada esposa, furtivamente admitido à sua alcova, a partir do pomar onde ele, na véspera, escutara sua confissão de amor. Uma noitada evidentemente inesquecível, muito embora todos aqueles alegres momentos de prazer e êxtase, em que os dois amantes se deliciavam com suas mútuas presenças, de repente e tristemente se arrefeciam pela perspectiva da próxima separação e pelos infaustos acontecimentos do dia anterior. O fato foi que a indesejada aurora chegou mais cedo do que o esperado, e Julieta ao escutar o chilrear matutino duma cotovia tentou persuadir-se de que se tratava de um rouxinol, que costuma cantar à noite; só que se equivocara, já que os trinados ouvidos eram mesmo de uma cotovia, um canto que, de repente, lhe soara desarmônico e desagradável; e para completar, as leves rajadas de luz, no nascente, davam o sinal de que era chegado o instante de os dois apaixonados se separarem. Romeu, claro, despediu-se da esposa com o coração partido, prometendo escrever-lhe, de Mântua, a cada hora do dia; e quando finalmente saltou fora da alcova, pela janela, Julieta, achando-se em tal estado de pungente tristeza e assaltada por maus presságios, ao contemplá-lo ali de pé, no chão do pomar, era como se visse alguém estirado no fundo de uma sepultura. Romeu também estava abalado, mas sentiu que precisava se despachar mais que depressa, já que inevitavelmente seria executado, caso pilhado entre os muros de Verona, após o raiar do dia, dada à sua condição de exilado.

Isso não era senão o princípio da tragédia que se abatia sobre os dois desditosos apaixonados. Poucos dias após a partida de Romeu, o velho fidalgo, dom Capuleto, procurou a filha, a fim de propor-lhe um companheiro. O marido, que escolhera para ela, pois nem sequer sonhava que a filha secretamente já se casara, era o conde Paris, um fidalgo nobre, jovem e galante, decididamente o par mais adequado para Julieta, não tivesse ela se relacionado com Romeu.

Apavorada, Julieta registrou, em lúgubre perplexidade, a oferta do pai. E retrucou que, devido à sua idade, julgava-se inadequada para um matrimônio, e de mais a mais, o recente passamento de Tebaldo, por quem sempre nutrira grande afeição, deixara-a tremendamente abatida, portanto sem condições de aceitar, com alegria, um esposo e, de mais a mais, parecia-lhe indecoroso que a família Capuleto viesse a promover uma festa de bodas, quando o eco das exéquias do primo mal haviam cessado. Em sua argumentação, Julieta tratou de alinhar as mais diversas razões quanto a não desposar Paris, com exceção, naturalmente, da principal, que era o fato de já ser casada. Mas dom Capuleto fez ouvidos de mercador, e de modo o mais peremptório, ordenou que a moça se preparasse, pois na próxima quinta-feira ela deveria se casar com o conde Paris. E tendo escolhido para ela, um marido rico, jovem e fidalgo, tal como qualquer orgulhosa dama de Verona aceitaria com prazer, ele jamais admitiria que Julieta, por suas afetada timidez, conforme classificara a recusa da filha, pudesse opor empecilhos à sua boa fortuna.

Em tal e tamanho desespero, Julieta buscou aconselhamento com o simpático frei Lourenço, o habitual orientador em instantes de crise, e ele lhe perguntou se estaria ela disposta a empreender uma desesperada solução e, ela lhe disse que sim, pois preferiria mil vezes ser sepultada viva a se casar com Paris, principalmente, estando o querido esposo, vivo; o frade então a instruiu a voltar para casa, onde deveria parecer contente, concordando com o enlace com o conde, segundo o desejo do seu pai, e que, na noite do dia seguinte, ou seja, véspera do casamento, deveria beber o conteúdo de um frasco, o qual lhe passava às mãos, naquele momento, e que durante as 48 horas que se seguiriam, ela daria a impressão de fria e sem vida, e quando o noivo aparecesse para apanhá-la, encontrá-la-ia com a aparência de um cadáver, quando ela, segundo os costumes da região, seria posta, no interior de um ataúde descoberto, a fim de ser sepultada no mausoléu da família; e caso ela conseguisse superar seus femininos temores, quanto àquela terrível provação, dentro de 48 horas após sorver a bebida daquele frasco — era o que se esperava como certo —, ela certamente acordaria, como se despertasse de um sonho; mas antes que isso acontecesse, o marido, sabedor de todo o plano, apareceria à noite, para buscá-la, a fim de levá-la a Mântua. O amor e o pavor de ter de desposar Paris conferiram a Julieta a necessária disposição de empreender aquela horrível aventura; por isso, recebeu o frasco, das mãos do monge, prometendo cumprir suas recomendações.



Ao sair do mosteiro, Julieta encontrou-se com o jovem conde Paris e com dissimulada submissão, prometeu ser sua mulher. A auspiciosa notícia naturalmente agradou ao velho dom Capuleto e à sua esposa. Foi como se o idoso fidalgo remoçasse, e a filha Julieta, que excessivamente o desgostara por se recusar a desposar o nobre conde, voltava a ser a sua queridinha, agora que lhe prometera obediência. A casa da família Capuleto como que entrou em erupção, por causa das bodas que se anunciavam e ficou decidido que nenhum custo haveria de ser poupado, no preparo de uma festa tão espetacular, como Verona jamais vira igual.

Na noite da quarta-feira, Julieta bebeu a poção. Ela receava que o religioso, por temor de que o acusassem por tê-la casado, dera-lhe um frasco com veneno, mas logo se tranqüilizou, pois frei Lourenço fora sempre considerado um santo homem. Temia também ter de despertar antes que Romeu aparecesse para levá-la; e, por fim, o pavor de ficar num lugar repleto de ossos de Capuletos mortos e onde o finado primo, Tebaldo, todo ensanguentado, apodrecia sob sua mortalha, não foram suficientes para demovê-la de sua audaciosa decisão. Mais de uma vez, recordou as histórias que sempre escutara, sobre almas do outro mundo que teimavam em assombrar os lugares onde seus restos se encontravam, mas logo voltavam-lhe à mente o amor por Romeu e a aversão por Paris e por isso, desesperadamente determinada, bebeu toda a poção e perdeu os sentidos.

Quando, ao raiar de um novo dia, o jovem Paris apareceu, acompanhado de vários músicos, a fim de despertar sua prometida, encontrou na alcova, não uma Julieta viva, mas o sombrio espetáculo de um cadáver. Que morte para suas esperanças! Que fantástica confusão tomou conta daquela casa! O desditoso Paris deu-se a prantear a ex-noiva, cujo detestável fim fazia dele, virtualmente, um divorciado, antes mesmo de terem as mãos dos dois unidas em matrimônio. Mas pior de tudo era ouvir as compassivas lamúrias do casal Capuleto, por ter perdido a única e amorosa filha, que sempre o consolava e alegrava, já que a morte cruel resolvera retirá-la do convívio de ambos, eles que, por fim, haviam conseguido para ela um partido mais que promissor e vantajoso.

Todos os esforços antes dirigidos à realização de uma festa de arromba, voltavam-se de repente para a execução de um negro funeral. A alegria das bodas, portanto, se transmudariam nas tristes cerimônias de um sepultamento, com as marchas nupciais se transformando em monótonas lamúrias, e os vivazes instrumentos musicais, em melancólicos sinos, e as flores,

que deveriam ser espalhadas pelos caminhos a ser percorridos pelos nublados, enfeitariam um cadáver. E em vez de um padre, para casar Julieta, precisariam de um sacerdote para sepultá-la e de fato foi ela conduzida à igreja, não para ampliar as prazeteiras esperanças dos vivos, mas para engrossar o sombrio número dos finados.

Como as más notícias costumam se espalhar mais rapidamente que as boas, o funesto relato do fim de Julieta chegou aos ouvidos de Romeu, em Mântua, antes da carta de frei Lourenço, informando que tudo não haveria de passar, simplesmente, da simulação de um enterro, uma espécie de réplica e representação da morte, e comunicando que sua doce esposa jazeria na tumba apenas por um curto espaço de tempo, à espera de que ele, Romeu, aparecesse para resgatá-la de sua sinistra mansão. Pensar que ele até há pouco se mantivera num estado de vivaz euforia, pois sonhara que estava morto — uma situação estranha para um defunto sonhar — e que sua amada aparecera e, encontrando-o sem vida, pusera-se a beijá-lo a não mais poder, em decorrência do que ele ressuscitou, sentido-se qual um imperador.

E agora, que aquele mensageiro acabara de chegar de Verona, imaginou que este certamente confirmaria alguma boa nova sobre os presságios de seu sonho. Mas quando, contrariamente às suas lisonjeiras visões, e que, ao invés, era sua amada que falecera, e quem ele jamais poderia ressuscitar com seus beijos, ordenou que imediatamente selassem seus cavalos, pois decidira estar à noite, em Verona, a fim de ver a finada amada, em seu mausoléu. E como o mal costuma penetrar rapidamente na imaginação dos desesperados, ele se lembrou de um pobre farmacêutico, em cuja loja estivera, fazia pouco, em Mântua, e a julgar pela mendicante aparência daquele profissional, este lhe parecera mais que faminto, e do deplorável aspecto de tantas e tantas caixas vazias, ao longo das sujas prateleiras, além de outros sinais de extrema miséria, lembrou-se do que o infeliz boticário lhe dissera — talvez pressentindo, para a própria vida, um final desesperado:

— Se alguém precisar de veneno, cuja venda, segundo as leis de Mântua é punida com pena de morte, eis aqui um infeliz miserável disposto a atender quem aparecer.

Tais palavras inundaram de repente a mente de Romeu e por isso ele procurou o farmacêutico, o qual expôs alguns pretensos escrúpulos, mas após receber a oferta de uma boa quantia em ouro — algo a que sua extrema pobreza jamais poderia resistir —, vendeu-lhe um tipo de veneno que,

segundo afirmava, seria capaz de acabar com alguém, mesmo que tivesse a força de 20 homens.

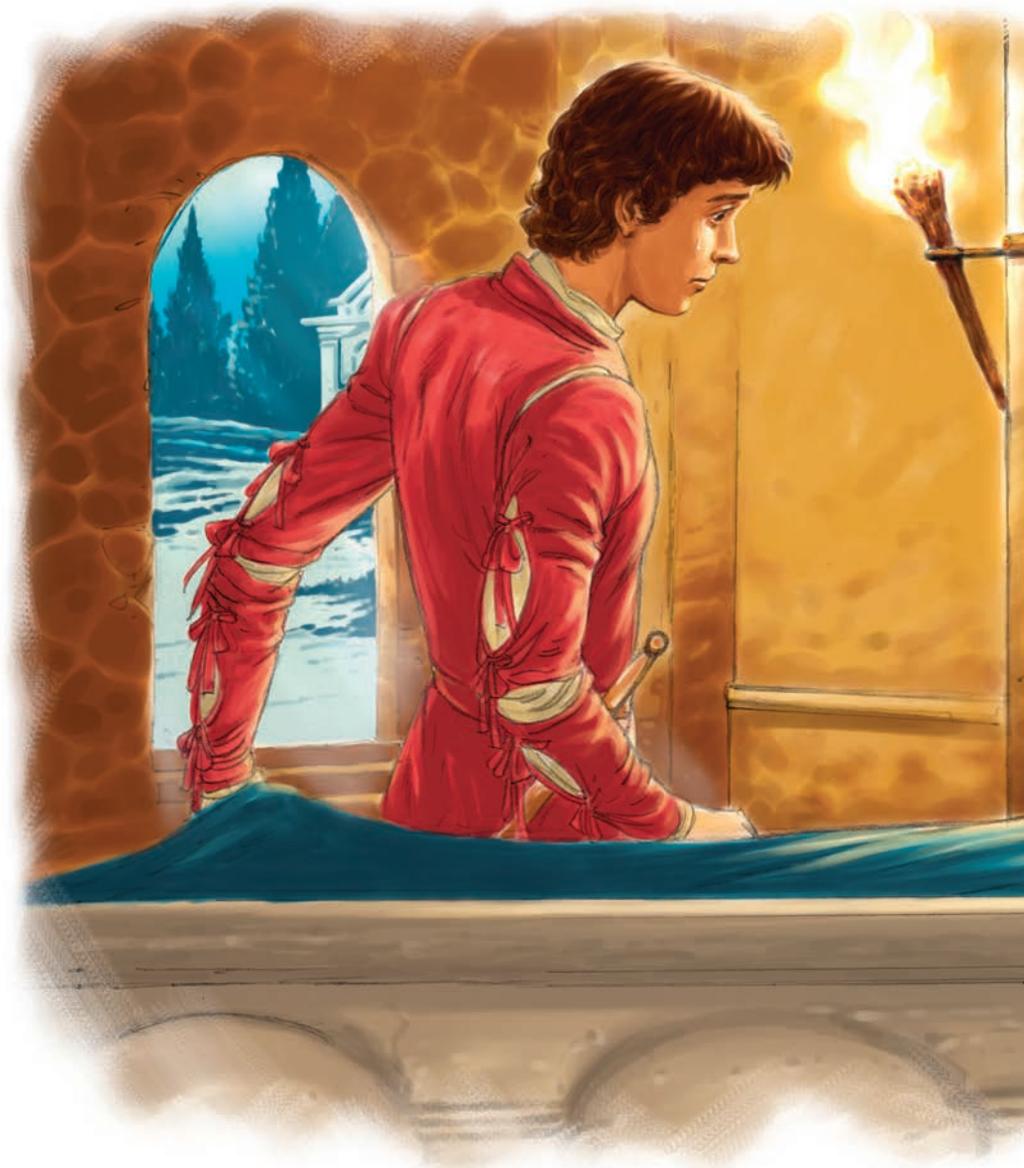
De posse do veneno, Romeu seguiu para Verona, para ver a amada em seu jazigo, decidido a, após satisfazer o desejo, beber o conteúdo do frasco que tinha em seu poder, a fim de ser sepultado ao lado de Julieta.

Ele chegou a Verona por volta da meia-noite e não tardou em localizar o cemitério de uma igreja, no meio do qual se encontrava o velho mausoléu dos Capuletos. Provido de uma tocha, uma pá e um pé-de-cabra, tentou arrombar o fúnebre monumento, mas foi interrompido por uma voz que o chamava de “vil Montecchio” e ordenava-lhe que desistisse de tão ilegítimo expediente. Tratava-se do jovem conde Paris que resolvera, em hora mais que imprópria, depositar flores e chorar sobre o jazigo daquela que deveria ter sido sua esposa. Ele ignorava, evidentemente, que interesse poderia ter Romeu, pela morta, mas sabendo que se tratava de um Montecchio, no seu entender, um inimigo jurado de todos os Capuletos, decerto teria escolhido aquela noite para cometer uma vilania qualquer contra os cadáveres; por isso, em tom áspero e autoritário ordenou àquele homem que deixasse de lado seu intento; de mais a mais, sendo Romeu um criminoso condenado, pela legislação de Verona, a morrer se fosse pilhado entre as muralhas da cidade, teria que prendê-lo.

Romeu pediu a Paris que o deixasse, e referindo-se à sina de Tebaldo, cujo corpo ali repousava, advertiu-o a que não provocasse sua ira, acrescentando um pecado a mais em sua cabeça, se fosse forçado a matá-lo. Paris, todavia, em puro desdém, recusou toda e qualquer advertência e, ato contínuo, agarrou o rapaz, como a um bandido, só que Romeu reagiu de imediato e após uma breve luta, o conde tombou mortalmente ferido.

Quando Romeu, com o auxílio da lanterna que levava, procurou ver quem era o morto, descobriu que se tratava de Paris que — soubera-o enquanto voltava de Mântua para Verona — teria estado com casamento marcado com Julieta. Diante disso, segurou o jovem defunto por uma das mãos, como alguém cuja má sorte o transformara num companheiro, e lhe prometeu sepultá-lo numa espécie de tumba triunfal, ou seja, na sepultura de Julieta, que ele finalmente abriu.

Ali repousava, de fato, sua amada, cuja morte não conseguira alterar, em nada, qualquer traço de suas feições e compleição, nada que lhe desfigurasse a incomparável beleza; como se a morte lhe fosse amorosa, como se aquele mesquinho e abominável monstro quisesse conservá-la ali, para seu



deleite; pois Julieta continuava fresca e viçosa, como sempre, como se apenas tivesse caído no sono, após beber a poção que lhe tirara os sentidos.

Junto a Julieta jazia o cadáver de Tebaldo, com a mortalha ensanguentada, e a cujo corpo inanimado Romeu pediu perdão, e inclusive, pelo amor de sua amada, chamou-o de primo, ajuntando que estava prestes a fazer-lhe um favor, matando seu inimigo.

O jovem Romeu despediu-se pela última vez de sua Julieta, beijando-lhe os lábios e, a fim de aliviar o próprio corpo, fatigado pelo peso de tantos



e desafortunados eventos, sorveu rapidamente o veneno que recebera das mãos do boticário de Mântua, cujos efeitos foram não apenas reais quanto fatais; ao contrário da poção que Julieta bebera, a ação da qual estava a ponto de expirar e com ela prestes também a despertar, a fim de reclamar que seu amado não chegara na hora combinada, ou que o fizera demasiadamente cedo.

Afinal, estava bem próximo o instante de despertar, conforme lhe prometera frei Lourenço e este, tendo sabido que as cartas que despachara

para Mântua, por um infeliz retardamento do mensageiro, não teriam chegado às mãos de Romeu, munuiu-se de uma lanterna e de uma picareta e saiu às pressas do convento, a fim de, pessoalmente, libertar Julieta de seu confinamento; mas espantou-se ao perceber que o interior do mausoléu dos Capuletos se achava iluminado e mais ainda por ver, em suas imediações, espadas e manchas de sangue, e os corpos inanimados de Romeu e Paris ao lado do monumento.

Antes que o frade pudesse estabelecer qualquer conjectura, de imaginar como aqueles fatais acidentes teriam ocorrido, Julieta finalmente acordou de seu transe e, vendo Frei Lourenço, lembrou-se de onde estava e por que ali se encontrava, perguntando então por Romeu, mas o monge, escutando um ruído estranho, ordenou-lhe que se fosse embora, que abandonasse quanto antes aquele fúnebre local e despertasse de vez de seu sono induzido, pois um poder muito mais forte teria contradito e frustrado os intentos dos dois; e apavorando-se com o ruído de pessoas que se aproximavam, saiu correndo em desembalada carreira.

E quando a desditosa Julieta viu o copo nas mãos inertes do seu verdadeiro amado, logo deduziu que aquele veneno teria sido a causa do seu fim, e certamente teria bebido quaisquer sobras, se as houvesse; por isso, beijou os lábios ainda cálidos de Romeu, na tentativa de, eventualmente, ali ainda se achar algum resíduo da letal substância venenosa; e em seguida, ao ouvir vozes que mais e mais se aproximavam, desembainhou rapidamente uma adaga que sempre levava consigo e se apunhalou, tombando morta ao lado de Romeu.

A guarda finalmente chegou. Um pajem do conde Paris, tendo presenciado o mortal duelo entre Romeu e seu amo, correria a dar o alarma, que rapidamente se espalhou por entre os cidadãos, os quais saíram à toda, pelas ruas de Verona, exclamando a miúdo, de modo confuso — um Paris! Um Romeu! Uma Julieta! — já que os boatos eram imprecisos, até que tamanha balbúrdia tirou da cama os fidalgos inimigos, dom Capuleto e dom Montecchio, inclusive o mesmo sucedeu com o príncipe, que quis saber a causa de toda aquela agitação. Trêmulo, suspirando e chorando copiosamente de modo suspeito, frei Lourenço foi detido por um dos guardas.

Tendo uma grande multidão se formado junto ao mausoléu dos Capuletos, o príncipe intimou o frade a que lhe relatasse tudo o que sabia quanto àqueles estranhos e desastrosos eventos.

E ali, em presença de dom Capuleto e dom Montecchio, ele fielmente

relatou a história da fatal experiência sentimental dos filhos dos dois velhos fidalgos; de como ele, monge, participara da promoção do matrimônio de Julieta e Romeu na esperança de que tal união pudesse pôr um termo às prolongadas dissensões entre ambas as famílias. Sim, aquele Romeu cujo corpo jazia inanimado, era de fato o marido legítimo de Julieta, e Julieta, também morta, era a fiel esposa de Romeu. Antes que surgisse uma oportunidade adequada para o monge divulgar o matrimônio dos jovens apaixonados, eis que surgira um outro escolhido, para marido de Julieta, e como esta desejava evitar o crime de bigamia, tomou a poção paralisante — tal como ele, frei Lourenço a instruíra — de modo que todos a julgaram morta. Continuando seu relato, explicou o frade de como, nesse entretempo, escrevera para Romeu, informando-o como agir, a fim de resgatar sua esposa, quando acabasse o efeito da droga, mas que, por um infortunado extravio do mensageiro, suas cartas não tinham chegado às mãos de Romeu. A partir daí, o monge não tinha condições de dar continuidade a seu depoimento, pois na verdade ignorava o que se passara em seguida, concluindo apenas que, quando ele, frei Lourenço, se decidira libertar Julieta de seu túnebre porém temporário abrigo, deu com os cadáveres de Paris e Romeu.

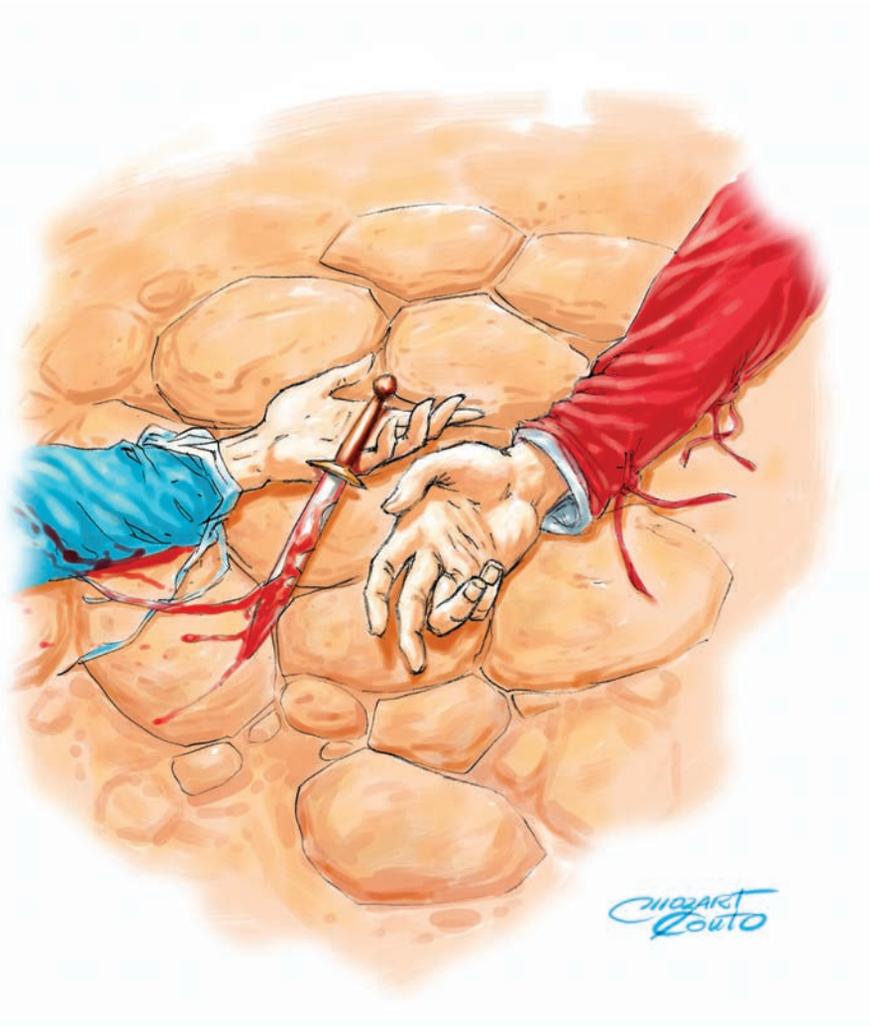
O restante dos eventos foi fornecido pelas narrativas do pajem do conde, que presenciara o mortal duelo, e pelo criado de Romeu, levado por este para Mântua, a fim de acompanhá-lo no exílio, e a quem entregara correspondências endereçadas a dom Montecchio, na hipótese de sua morte, cartas inteiramente favoráveis ao religioso, pois não apenas confessavam seu matrimônio com Julieta, uma Capuleto; imploravam o perdão dos pais; confirmavam a compra do veneno, no estabelecimento comercial do falido e miserável boticário; e finalmente revelavam a firme decisão de, ao chegar ao mausoléu, de morrer e ali ficar em companhia da mulher amada.

Os dois depoimentos como que livravam o frade de qualquer participação na execução do lamentável e complicado morticínio, salvo pelas funestas conseqüências de um ardil bem-intencionado, todavia excessivamente artificial e sutil.

E o príncipe, voltando-se para os velhos fidalgos, Montecchio e Capuleto, repreendeu-os pela brutal e irracional inimizade de tantos anos, mostrando-lhes que os Céus haviam encontrado um jeito, mesmo a troco do amor de seus filhos, de puni-los por um ódio tão desnaturado. E os velhos e antigos rivais, não mais inimigos, combinaram sepultar, juntamente com os corpos dos infelizes filhos, toda a demorada rixa; e dom Capuleto pediu

a dom Montecchio que lhe desse uma das mãos, quando o chamou de irmão, em reconhecimento pela união das duas famílias, atestada pelo enlace dos jovens Capuleto e Montecchio; acrescentando que a mão de dom Montecchio — em penhor pela reconciliação — era tudo o que pedia como dote para sua filha. Mas dom Montecchio disse que lhe daria muito mais, pois estava disposto a mandar erigir um monumento público — uma estátua em puro ouro, com a imagem da fiel Julieta, algo que, enquanto a cidade de Verona existisse, nenhuma outra escultura haveria de ser mais apreciada por sua riqueza e arte. Ao que dom Capuleto, por seu turno, replicou que pretendia fazer o mesmo, só que, dessa feita, em homenagem a Romeu.

Embora tardiamente, assim procederam os infortunados e velhos fidalgos, cada qual tentando superar o outro, em mútuas gentilezas. O fato foi que, tão letal havia sido o ódio e a inimizade, no passado que nada, a não ser a morte que atingira seus filhos — vítimas inocentes de tantas disputas e dissensões —, fora capaz de remover os tão enraizados ódios e invejas das duas nobre famílias.



Como Gostais



Moznet
Couto



No passado, lá pelos idos do início do século 17, a França era dividida em províncias, também chamadas de ducados, porque eram governadas por duques. Uma dessas províncias era controlada por Frederico, um falso nobre, na verdade um usurpador, que, após um vitorioso golpe de estado, depôs Sênior, seu irmão mais velho — o legítimo duque e governador da província —, e o expulsou do seu território.

Banido de seus domínios, o duque Sênior se refugiou na floresta das Ardenas em companhia de uns poucos, mas fiéis seguidores. Solidários com o nobre exilado, esses amigos o seguiram de vontade própria, passando também a morar na floresta, em apoio ao verdadeiro duque. Enquanto isso, o usurpador se apoderava das propriedades e bens de Sênior e de seus amigos, e enriquecia cada vez mais.

Dizem que o hábito é uma segunda natureza e foi isto o que aconte-

ceu com duque Sênior e seus amigos. Eles logo se acostumaram com a despreocupada vida da floresta. Afinal, pela força do novo costume, o fato era que ali eles viviam como o lendário Robin Hood, da Inglaterra. E para completar, aquela floresta recebia todos os dias vários jovens fidalgos, que fugiam da corte a fim de ali passarem preguiçosamente o tempo.

Quando era verão, todos eles repousavam à sombra das enormes árvores da mata, divertindo-se com as alegres travessuras de veados selvagens. Gostavam tanto daquelas criaturas malhadas que era como se eles próprios, nobres fidalgos, fossem nativos da floresta. Era por isso que lamentavam ter, de vez em quando, a necessidade de matar um ou outro animal a fim de abastecer de carne suas despensas.

E quando chegavam os frios ventos de inverno, o duque Sênior, consciente de seu próprio destino, tudo suportava com paciência e resignação e costumava dizer:

— Esses ventos gelados que castigam meu corpo são meus verdadeiros conselheiros. Isso mesmo: eles nunca me adulam e ao contrário, mostram-me o que sou hoje em dia, um exilado numa floresta selvagem. E embora me mordam de forma tão dolorida, ainda assim seus dentes não são tão afiados quanto aqueles da crueldade e da ingratidão dos homens.

Como Sênior era um homem sábio, completava:

— Até mesmo no infortúnio, a gente pode extrair alguma coisa de bom. Não é o que acontece com a Medicina, que usa, em benefício da humanidade, o veneno extraído da cabeça do repelente sapo?

Deste modo, o paciente duque conseguia extrair uma útil lição de tudo o que via. Era como se, longe do burburinho público, ele conseguisse conversar com as árvores, ler alguma coisa nos murmúrios dos riachos, ouvir proveitosos sermões nas pedras batidas pelos ventos e, enfim, encontrar o bem em tudo o mais.

Sênior tinha uma filha única, uma bela moça chamada Rosalinda, que não morava com ele na floresta. Acontece que, ao dar o golpe que expulsou da província o verdadeiro duque, o usurpador Frederico resolveu conservá-la na corte, a fim de que fizesse companhia a Célia, sua própria filha.

As duas moças eram muito unidas, tão unidas, que a desavença entre seus pais não conseguia abalar a amizade entre as jovens. Célia, a filha de Frederico, tentava por todos os meios agradar Rosalinda. Procurava, assim, compensar a prima, pela injustiça que lhe fora imposta por seu próprio pai, ao depor o legítimo duque.

Rosalinda costumava se entristecer quando pensava no destino do pai. Sentia muitas saudades dele e lamentava ter de depender do tio para se manter. Célia, no entanto, fazia o que podia, se esforçava ao máximo a fim de confortá-la e consolá-la.

Certo dia, ao conversar com Rosalinda, Célia lhe disse:

— Por favor, minha querida prima, nada de tristezas!

Foi quando, de repente, apareceu um mensageiro que trazia um recado do duque Frederico, uma mensagem destinada a mudar completamente, sem que as meninas desconfiassem, a vida das duas, ela dizia:

Se desejassem assistir a uma luta que estava prestes a começar, que se dirigissem imediatamente ao pátio diante do palácio. E Célia imaginando que o espetáculo certamente agradaria a Rosalinda, aceitou a sugestão.

Naqueles tempos, as lutas livres eram passatempos favoritos até mesmo da nobreza e realizados em presença de belas damas e princesas. Foi esse tipo de exibição que Célia e Rosalinda foram ver.

O problema, logo perceberam as duas primas, é que o espetáculo poderia se converter em tragédia: tudo porque um homem forte e volumoso, acostumado com as manhas daquele tipo de luta, tendo inclusive matado todos os seus adversários anteriores, estava a ponto de enfrentar um rapazinho. Como esse competidor demonstrasse ser jovem demais e, pior de tudo, inexperiente, todos os espectadores presentes ao pátio em frente do palácio previam que ele certamente seria massacrado e morto.

Ao ver Célia e Rosalinda, disse-lhes o duque Frederico:

— Resolveram então assistir à luta? Só que, com certeza, vocês não irão gostar, porque há uma grande desigualdade entre os lutadores.

E completou preocupado:

— Estou com pena desse pobre rapaz, meninas! Francamente, se dependesse de mim, eu faria com que ele desistisse do espetáculo, por isso peço a vocês duas que falem com ele, procurem fazer com que deixe de lado essa luta!

As duas moças ficaram felizes por executar tarefa tão humanitária. Célia foi a primeira a dirigir-se ao jovem forasteiro, pedindo-lhe que renunciasse à luta. Rosalinda procurou-o em seguida e falou com tanta delicadeza e preocupação, que o resultado foi o oposto de sua intenção.

Encantado com a beleza de Rosalinda, o jovem lutador decidiu que, aos olhos daquela nobre moça, teria de se mostrar o mais corajoso possível. Assim, ele recusou o pedido recebido, deixando as duas moças ainda

mais preocupadas. Por fim, arrematou sua recusa ao dizer:

— Lamento não poder atender ao pedido das formosas senhoritas. Deixemos então que esses lindos olhos e gentis desejos me acompanhem em minha prova. Caso eu seja o vencedor, estareis diante de alguém envergonhado, pois nunca fui generoso. E se eu falecer, verão um morto que estava mesmo querendo morrer. Isso mesmo: não causarei aos meus amigos nenhum pesar, pois não tenho quem chore por mim; ao mundo, nenhum dano, pois nada tenho de meu; e o lugar que ocupo na vida certamente será mais bem preenchido quando eu me for.

Começou a luta. Enquanto Célia desejava apenas que o jovem lutador não se machucasse, os sentimentos de Rosalinda eram outros. Ela estava realmente impressionada com o estado de abandono em que o atleta se encontrava e aquele seu desejo expresso de morrer aproximava ainda mais os dois. O desconhecido rapaz seria como ela própria, uma criatura infeliz.

Rosalinda sentiu muita pena do jovem lutador, e tanto se preocupou com os perigos que o moço enfrentava durante o combate, que se poderia dizer que a partir daquele instante ela estava apaixonada por ele.

O carinho demonstrado por aquelas belas e nobres senhoritas pelo inexperiente desafiante deu-lhe coragem e força. Ele fez prodígios durante a luta, e no final, o corpulento adversário, bastante ferido, ficou imóvel no chão, sem a mínima condição de falar ou andar. O desconhecido e jovem lutador, contra as expectativas gerais, havia vencido a luta.

Impressionado com a coragem e habilidade demonstradas pelo jovem forasteiro, duque Frederico desejou saber seu nome e os de seus pais. Queria colocar o rapaz a seu serviço e sob sua proteção.

O novato lutador disse chamar-se Orlando, filho mais novo do fidalgo dom Rolando de Boys.

Por essa, duque Frederico não esperava. O fidalgo Rolando de Boys, pai de Orlando, morrera há alguns anos. Mas enquanto vivo, tinha sido um fiel súdito e amigo íntimo do duque Sênior, agora exilado na floresta.

Irritado, ao ouvir o rapaz dizer que era filho de um amigo do irmão bandido, toda sua simpatia pelo corajoso lutador se transformou em antipatia. E foi por isso que Frederico se retirou, aborrecido.

Ele odiava ouvir alguém dizer que era amigo do irmão deposto e desterrado. Assim, ao se retirar do pátio, palco daquela luta desigual, Frederico chegou quase a rezar, desejando que o jovem lutador fosse filho de um outro homem qualquer.

Rosalinda sorriu de alegria ao saber que o rapaz era filho de um velho amigo de seu pai, e por isso disse a Célia:

— Meu pai gostava de verdade de dom Rolando de Boys. Ah!, se eu soubesse disso antes do combate, teria umedecido com lágrimas minhas súplicas.

Célia e Rosalinda procuraram o moço, que estava espantado com a súbita irritação do duque. Tentaram encorajá-lo, dirigindo-lhe palavras de conforto e quando começavam a se retirar, Rosalinda voltou rapidamente, retirou do próprio pescoço uma gargantilha, e deu-a a Orlando, murmurando:

— Por favor, use isto por mim, meu caro! Se minha sorte não fosse tão madrasta, eu lhe ofereceria um presente mais valioso.

Assim que as moças se viram a sós, como Rosalinda continuasse a falar de Orlando, Célia começou a perceber que a prima estava apaixonada pelo atraente e jovem lutador.

— Será possível que você se apaixonou assim tão de repente? — estranhou Célia.

— O duque, meu pai, gostava muito do pai dele! — justificou-se Rosalinda.

Célia tentou ser razoável e insistiu:

— Está bem, mas isso não quer dizer que você tenha de amar, tanto assim, o filho de um amigo de seu pai. Olhe aqui, Rosalinda, eu deveria odiar Orlando, e sabe por quê? Porque meu pai odiava o pai dele. E, no entanto, eu não odeio esse rapaz.

Frederico estava a ponto de enlouquecer de tanta raiva. A presença de um filho do fidalgo dom Rolando de Boys fazia com que ele se lembrasse que o irmão mais velho, agora no exílio, era muito querido e tinha inúmeros amigos dentre a nobreza. Mas não era só isso o que irritava o falso duque; fazia tempo que ele andava desgostoso com Rosalinda, sua sobrinha. O povo a amava e apreciava suas virtudes de moça prendada e humana. E naturalmente tinha piedade dela, privada da companhia e proteção do próprio pai, que estava sendo forçado a viver numa perigosa floresta.

Daí, para tomar uma atitude cruel contra a sobrinha, foi um salto. Enquanto as duas primas continuavam a falar de Orlando, o duque Frederico apareceu de repente e com o rosto marcado por uma cólera difícil de conter decretou que Rosalinda deixasse imediatamente o palácio, a fim de seguir o pai no exílio.

Célia tentou, em vão, interceder em benefício da prima querida, mas o pai estava decidido, nada havia que o fizesse mudar de idéia. Afinal, declarou Frederico, somente vinha tolerando a permanência de Rosalinda, na corte, única e exclusivamente por amor a ela, Célia, sua própria filha

Célia fez um último esforço para tentar salvar a prima:

— Naquela ocasião, quando tio Sênior foi banido, não insisti para que Rosalinda ficasse; não tinha condições de avaliá-la. Mas agora é diferente, meu pai! Hoje eu conheço o verdadeiro valor de Rosalinda: faz tempo que dormimos juntas e despertamos sempre no mesmo horário, e não é só isso: estudamos, brincamos e fazemos juntas nossas refeições, somos inseparáveis. Por favor, não me prive da companhia de Rosalinda, não posso passar sem minha prima!

Duque Frederico, contudo, não estava disposto a ceder:

— Não seja boba, Célia! Rosalinda é esperta demais, tapeia todo mundo com essa sua mistura de candura, discrição e resignação. É coisa feita para iludir o povo, que acaba morrendo de amores por ela, uma criatura fingida. Você perde seu tempo intercedendo por ela, pois você parecerá muito mais radiante e virtuosa quando ela se for embora. Isso mesmo, minha filha, não torne a abrir a boca em favor de Rosalinda: a maldição que acabo de decretar não tem volta!

Quando Célia percebeu que não conseguiria convencer o pai a mudar de idéia, generosamente resolveu acompanhar a prima; e deixando o palácio do pai naquela mesma noite, saiu em companhia de Rosalinda no rumo da floresta das Ardenas, à procura do tio exilado.

Antes da partida, Célia achou que não seria seguro que as duas moças viajassem com as ricas roupas que usavam. Por isso, propôs que disfarçassem a própria condição social e saíssem vestidas como camponesas. Rosalinda concordou, mas sugeriu que esse tipo de proteção seria ainda maior se uma delas se vestisse como um homem. Combinaram então que sendo Rosalinda a mais alta das duas, esta deveria sair vestida igual a um jovem homem do campo, enquanto que Célia viajaria vestida em trajes de uma camponesa, as duas fazendo-se passar por irmãos. E para dar maior crédito ao disfarce, Rosalinda decidiu que passaria a se chamar Ganimedes e sua prima Célia escolheu o nome de Aliena.

Disfarçadas conforme o combinado, e levando dinheiro e jóias para pagar possíveis despesas, as duas belas jovens partiram para a longa jornada,



Carroll
Couto

pois a floresta das Ardenas era bastante distante, ficava além dos limites dos domínios do duque.

Rosalinda — ou Ganimedes como doravante deveria ser chamada —, vestida naqueles trajes masculinos, se comportava com a corajosa postura própria de um homem. A fiel amizade de Célia, acompanhando-a por vontade própria, por muitos e cansativos quilômetros, fez com que o suposto novo irmão, em recompensa, se esforçasse ao máximo por se apresentar com um espírito jovial, como se ela, Rosalinda, fosse um verdadeiro Ganimedes, — o rústico e robusto irmão de Aliena, a gentil camponesa.

Quando por fim chegaram à floresta das Ardenas, as moças não mais toparam com as confortáveis estalagens e as boas acomodações até então encontradas ao longo da estrada. Maltratado pela falta de comida e repouso, Ganimedes, que todo o tempo encorajava a irmã, com palavras agradáveis e alegres comentários, estava prestes a ceder. Confessou que se sentia muito cansado e que tudo o que o coração lhe pedia era que largasse aquelas roupas masculinas e se pusesse a chorar e não mais parar. Afinal, era mulher, por que não se comportar como tal? Mas quando Aliena — Célia, na verdade — disse que também estava nas últimas, que não mais tinha forças para seguir viagem, Ganimedes procurou reassumir seu papel de macho, pois, na qualidade de homem — embora de mentirinha —, cabia-lhe confortar e consolar uma dama, como se ela fosse um frágil vaso de cristal. E a fim de demonstrar à irmã sua coragem, disse-lhe:

— Coragem, irmã Aliena! Afinal, chegamos ao fim de nossa jornada, já estamos na floresta das Ardenas.

A virilidade de Ganimedes e sua coragem eram puro fingimento. Ele estava apavorado, não sabia como prover o sustento dos dois viajantes. Claro, já se encontravam na floresta, mas não tinham a mínima idéia de onde o duque se encontrava. E aí, então, a viagem daquelas fatigadas e frágeis moças talvez pudesse chegar a uma triste conclusão. E se elas se perdessem na mata e se, por fim, morressem de fome?

Preocupadas com a perigosa situação, Rosalinda e Célia, vestidas em trajes de camponeses se deitaram na grama, debaixo de uma grande árvore, sem saber exatamente o que fazer.

Nisso, a ponto de morrerem de tanto cansaço e descrentes quanto a qualquer socorro, eis que um camponês passou por ali. Ganimedes uma vez mais procurou se dirigir ao estranho com a ousadia de um homem, dizendo-lhe:

— Será que, com um pouco de dinheiro e ouro, o senhor não poderia nos ajudar? Estamos perdidos neste local deserto, precisamos de um lugar onde repousar. Afinal, esta jovem camponesa, minha irmã, está muito cansada por causa da viagem e fraquinha de tanta fome.

O estranho confessou que era um simples empregado de um pastor de ovelhas. Completou que a casa do patrão estava à venda e por isso a hospedagem talvez fosse temporária, ainda assim, seria melhor que nada. Se o casal quisesse acompanhá-lo, de qualquer modo haveria de ser atendido no que lhe fosse possível.

Foi assim que Ganimedes e Aliena seguiram o estranho, fortalecidos com aquela inesperada ajuda. Em seguida compraram não apenas a casa do pastor, mas também seus animais e tomaram por criado aquele bondoso homem que os havia socorrido.

A solução foi a mais conveniente possível, pois eles conseguiram uma casa rural, pequena, porém aseada, e devidamente abastecida com víveres. E decidiram ali permanecer, pelo menos até descobrirem em que parte daquela floresta morava o duque Sênior.

Logo que descansaram da cansativa viagem, as duas moças começaram a apreciar o novo modo, de vida. Embora fingissem ser tanto quanto possível um casal de pastores, havia ocasiões em que Ganimedes se lembrava de que havia sido em passado recente, a jovem Rosalinda. E que ainda estava loucamente apaixonada pelo bravo Orlando, melhor ainda porque o rapaz era filho do velho dom Rolando, um ex-amigo de seu pai.

O curioso é que Rosalinda imaginava que o corajoso lutador estivesse a muitos quilômetros de distância. Mas para sua alegria, logo descobriu que estava enganada, pois soube que Orlando se achava ali mesmo, na floresta das Ardenas.

E foi assim que a aventura das duas moças tomou um novo rumo.

Dom Rolando de Boys, pouco antes de falecer, entregou Orlando, o filho caçula, aos cuidados do irmão mais velho. O fidalgo pediu então que Oliveiros — assim se chamava o homem — garantisse ao menino, uma boa educação e que o criasse segundo a dignidade e tradição da família. Mas Oliveiros provou ser um péssimo irmão, pois desconsiderando as ordens do pai agonizante, jamais colocou Orlando em uma escola. Ao invés, deixou-o ficar à-toa, em casa, sem quaisquer estudos e, pior de tudo, simplesmente abandonado.

Embora tivesse essa condição de vida e contrariando às expectativas de



Mozart
Couto

Oliveiros para com ele, o menino Orlando tinha uma boa índole e nobreza de caráter. Em seu comportamento, Orlando parecia-se bastante com o próprio pai e mesmo sem receber a educação adequada, ele dava a impressão de ser um moço instruído.

Com o passar dos anos, e como não poderia deixar de ser, o perverso Oliveiros sentia uma grande inveja da personalidade magnífica e dos dignos dotes do seu repudiado irmão mais moço.

Que tal se acabasse com aquele estrepe, e o afastasse o quanto antes, e para sempre, de sua vida? Por isso, sem perda de tempo, conseguiu que um amigo procurasse Orlando e o convencesse a medir forças com um famoso lutador. Só que o suposto oponente não era um atleta comum, mas um volumoso e perigoso atleta que tinha, em sua biografia, o registro de ter matado todos seus adversários, tamanha era sua brutalidade.

Mas o jovem Orlando não se incomodou com o malvado plano do irmão. Ele se sentia rejeitado, e sendo tratado com tanta indiferença, era como se desejasse a própria morte.

Quando Oliveiros, ao contrário de suas maldosas esperanças, soube que o irmão vencera a luta, ficou furioso. E com sua inveja e perversidade ultrapassando todos os limites, jurou tocar fogo no quarto onde Orlando costumava dormir.

A terrível ameaça foi ouvida por um antigo e fiel empregado do pai dos dois irmãos, o qual apreciava bastante Orlando por sua semelhança com dom Rolando. Preocupado, o idoso criado saiu de casa a fim de atalhar Orlando quando este retornasse do palácio do duque Frederico e assim que viu o rapaz, entregou-se a uma série de emocionadas exclamações:

— Oh! Gentil amo! Meu meigo patrão! O senhor me faz recordar o velho dom Rolando, e sabe por quê? Porque o senhor também é educado, forte e valente. Todos já sabem que o senhor venceu a tal luta e para falar a verdade, a notícia se espalhou depressa, muito antes de o senhor voltar.

Curioso, Orlando quis saber o que estava acontecendo. Foi quando então o velho criado contou-lhe todo o plano de Oliveiros. E em conclusão, aconselhou Orlando a evitar o perigo, fugindo o mais rápido possível; e sabendo que o jovem não tinha dinheiro, Adão — assim se chamava o bom e idoso serviçal — entregou-lhe uma bolsa com moedas de ouro e lhe disse:

— São quinhentas coroas que consegui economizar quando trabalhei para seu pai. Ah! Eu pretendia gastar essas moedas quando meus velhos

membros, pernas e braços, já não mais prestassem para nada. Mas, pode ficar com tudo, meu caro Orlando, pois tenho a certeza de que o bom Deus há de certamente confortar minha velhice. Tudo isso eu lhe dou de presente, mas pelo amor do Criador, não me abandone. Eu posso parecer um velho, mas juro que serei capaz de fazer tudo o que um homem mais moço faria no atendimento de seus afazeres e necessidades.

— Meu bom velho —, exclamou Orlando — conte comigo, como nos velhos tempos. Sairemos juntos, sim, e antes que os salários de sua juventude se esgotem, hei de descobrir um meio de financiar nossa manutenção: nada nos faltará!

Juntos, o fiel criado e seu amado amo puseram-se a caminho sem saber precisamente que rumos tomar. Chegaram por fim à floresta das Ardenas, onde se encontraram na mesma situação de falta de comida, vivida antes por Ganimedes e Aliena. Durante algum tempo andaram assim a esmo, à procura de uma casa qualquer, quando por fim foram vencidos pela fome e pelo cansaço.

— Oh! Estimado amo, estou morto de fome, não posso continuar andando! — exclamou Adão, por fim, estirando-se no chão, como se pretendesse fazer do local sua própria sepultura, tanto que se despediu de Orlando.

Ao ver o idoso serviçal em tal estado de fraqueza, Orlando tomou-o nos braços e, ao abrigo das árvores, pôs-se a carregá-lo, dizendo-lhe alegremente:

— Coragem, meu velho Adão, repouse um pouco suas cansadas pernas e não me volte a falar em morte!

Saindo Orlando à procura de algo para comer, chegou à parte da floresta onde se encontrava o duque exilado.

Sentados sobre a grama, aquele nobre fidalgo e seus companheiros se preparavam para almoçar, sem nenhum outro abrigo senão a copa de algumas daquelas enormes árvores.

Desesperado e faminto, Orlando desembainhou a espada, e gritou:

— Depressa, passem-me essa comida!

Duque Sênior, que era um homem sábio, equilibrado e tranqüilo, pesou bem a situação e perguntou a Orlando se por acaso o sofrimento teria feito dele um homem assim tão ousado, ou se ele era apenas um indivíduo rude, que não conhecia boas maneiras. Orlando então respondeu que estava morto de fome. O nobre senhor, então, deu-lhe boas-vindas e bondosamente convidou-o a que voltasse a embainhar sua espada e que se sentasse, a fim de fazer uma refeição em sua companhia.

Ouvindo duque Sênior falar com tanta gentileza, o rapaz corou de vergonha pelo modo grosseiro pelo qual exigira comida.

— Perdão, eu imploro ao senhor — exclamou Orlando —. Pensei que tudo aqui fosse selvagem, igual a esta própria floresta e por causa disso assumi uma atitude tão autoritária. Mas agora percebo que todos os senhores, perdidos neste local tão distante e sob a sombra destas tristes árvores, consomem seu tempo sem se importar com o vagaroso passar das horas. Claro, vê-se pelo aspecto de todos, que os senhores terão passado por melhores dias no passado; terão morado em lugares onde os sinos dobram chamando os fiéis para a igreja; terão se sentado à mesa de algum homem de bem e terão enxugado de suas pálpebras uma lágrima qualquer; pois, tenho a certeza de que os senhores sabem o que é sentir piedade por alguém, pois somente assim me tratariam com tão humana cortesia, apesar da arrogância de meu comportamento.

Ao que o duque respondeu sorrindo:

— Muito bem pensado. Na verdade somos homens, conforme bem disse o senhor, que no passado experimentamos melhores dias. E embora habitemos hoje nesta ingrata floresta, já moramos em cidades onde os santos sinos nos convocavam para os ofícios religiosos; já nos sentamos à mesa de homens de bem e de nossas pálpebras enxugamos as lágrimas que a sagrada piedade assim o exigia. Por isso, sente-se, por favor, e tome de nossa refeição o tanto que for preciso para sua necessidade.

— Obrigado! — agradeceu Orlando — Mas há um pobre velho que por amizade se arrastou em minha companhia, por estes espinhosos caminhos, apesar de martirizado por duas lamentáveis fraquezas, a idade avançada e a fome, de modo que até que ele esteja satisfeito, não tocarei em nada.

— Pois bem — tornou o duque —, traga-o o quanto antes. Ficaremos à sua espera e adiaremos nossa refeição até sua chegada.

Saiu Orlando à moda de uma corça à procura de sua cria, a fim de dar-lhe de comer, e pouco depois, quando voltava com o velho Adão nos braços, disse-lhe o duque:

— Deponha logo no chão esse seu venerável fardo e sejam os dois bem-vindos!

E eles alimentaram o idoso criado e alegraram seu coração, de modo que o homem como que reviveu, recobrando a saúde e as forças.

O duque perguntou quem era Orlando e quando soube que este era filho de seu velho amigo, dom Rolando de Boys, tomou-o a si sob sua pro-

teção e assim o rapaz e seu velho criado passaram a morar na floresta, em sua companhia.

Orlando chegara à floresta poucos dias após Ganimedes e Aliena — conforme relatamos antes — terem adquirido a casa do pastor de ovelhas.

Daí em diante, Ganimedes e Aliena ficaram realmente espantados, ao verem o nome de Rosalinda entalhado nos troncos das árvores. E havia sonetos de amor, por toda parte, em louvor da moça.

Enquanto o falso casal de pastores de ovelhas tentava entender o que se passava, eis que toparam com Orlando. Bastante observadora Rosalinda percebeu que o jovem lutador ainda conservava no pescoço o cordão que lhe havia dado de presente.

Orlando estava longe de imaginar que na verdade Ganimedes fosse a bela Rosalinda, a qual, por sua nobre condescendência e generosidade lhe conquistara o coração. Apaixonado ao extremo, ele passava todo o tempo gravando seu nome nos troncos das árvores e compondo sonetos em que exaltava a beleza da amada.

Encantado com os ares graciosos daquele belo e pequeno pastor de ovelhas, Orlando puxou conversa com ele. Claro, imaginou ter notado certa semelhança entre este e sua adorada Rosalinda, mas logo abandonou a suspeita: faltava ao rapaz o porte real daquela nobre dama. Tudo, porque Ganimedes assumira os ousados cacoetes freqüentemente notados em moços quando se vêem em meio a rapazes e homens feitos.

Como se tudo aquilo não bastasse, Ganimedes, com um pouco de deboche, comentou com Orlando sobre certo namorado, o qual, segundo ele, “assombra nossas florestas e estraga nossas jovens árvores, gravando o nome duma tal Rosalinda em seus troncos, e dependurando poesias apaixonadas sobre espinheiros e arbustos, todos em seu louvor! Ah! Se eu conseguisse localizar esse apaixonado, certamente que eu lhe daria um bom conselho que logo o curaria de tanto amor”.

Orlando confessou ser ele o desconhecido apaixonado e pediu pelo conselho prometido. Ganimedes — ou Rosalinda — era uma criatura esperta e, de mais a mais, desejava testar os sentimentos de Orlando. O prometido conselho veio então na forma de uma espécie de jogo sentimental: consistia em o rapaz comparecer diariamente àquela casa onde ele, Ganimedes, morava em companhia da irmã Aliena. Com esse expediente, Rosalinda estaria sempre ao lado do amado, além de, naturalmente, divertir-se, passando-se por um pastor de ovelhas.

— Aí então — tornou Ganimedes —, eu farei de conta que sou essa tal Rosalinda e você fingirá me namorar. Ah! Eu tentarei imitar todas aquelas bobagens que as mocinhas apaixonadas dizem quando estão com seus namorados. Eu lhe garanto meu caro Orlando, que você acabará se sentindo envergonhado e ridículo e logo deixará de lado essa sua doidice. Enfim, é o que sugiro para sua cura.

Apesar de não acreditar nos efeitos do remédio sugerido, Orlando aceitou participar daquele estranho jogo sentimental e passou a ir todos os dias à pequena casa onde moravam os dois irmãos, a fim de encenar o caricato namoro. Diariamente, ele visitava os pastores de ovelhas, dirigindo-se a Ganimedes como se este fosse sua amada Rosalinda, e repetia as belas palavras e os rasgados elogios com que os jovens encantam suas eleitas. Aparentemente, no entanto, Ganimedes não lograva quaisquer progressos no seu esforço de curar Orlando quanto a seu amor por Rosalinda, pois, Orlando continuava apaixonado.

Orlando considerava tudo aquilo um simples folguedo — jamais sonhara que aquele moço fosse sua própria Rosalinda —, ainda assim, a oportunidade de dizer tudo o que sentia seu coração como que satisfazia suas fantasias. E o mesmo sucedia com Ganimedes, que se deliciava com aquele secreto faz de conta, ao reconhecer que todo o amoroso discurso que ouvia era dirigido à pessoa certa.

Passaram-se assim, alegremente, vários dias e a simpática Aliena, notando que a brincadeira fazia Ganimedes mais que feliz, resolveu deixá-lo inteiramente à vontade. Por isso, não se preocupou em lembrar à prima Rosalinda que ainda não se tinham apresentado ao duque exilado, cujo refúgio na floresta lhes havia sido revelado por Orlando.

Por fim, num certo dia, Ganimedes se avistou com o duque, o qual, após um pouco de prosa quis saber quem eram os pais do jovem ovelheiro. Ganimedes respondeu apenas que descendia de uma família tão nobre quanto à dele, duque, o que fez o fidalgo sorrir de alegria, pois jamais suspeitaria que aquele mocinho, pastor de ovelhas, tivesse uma linhagem de nobreza. Em seguida, notando Ganimedes que o duque, seu próprio pai se encontrava bem e feliz, decidiu adiar a revelação de sua própria identidade para dias mais tarde.

Numa manhã ensolarada, ao dirigir-se à casinha de Ganimedes, a fim de visitá-lo, como de hábito, Orlando deu com um homem dormindo a sono solto, estirado no chão, com uma enorme serpente verde enrolada em

torno do pescoço. A cobra, notando a aproximação do rapaz, fugiu mais que depressa, escondendo-se por entre as moitas. O jovem lutador aproximou-se mais e descobriu um jaguar agachado, a cabeça colada ao solo, com a postura de um felino, naturalmente esperando que aquele estranho homem despertasse — já que segundo diziam essas feras nunca atacavam pessoas mortas ou adormecidas.

Ao que tudo indicava, a Providência como que despachara o moço àquele local, a fim de livrar aquela criatura dos ataques da serpente e do jaguar. Mas quando Orlando espiou melhor para o rosto do adormecido, tomou um susto, pois, aquele homem que há pouco estivera exposto a uma dupla ameaça de morte, não era outro senão Oliveiros, seu irmão mais velho; o mesmo que o tratara com tanta crueldade e que inclusive ameaçara botar fogo ao quarto onde ele dormia.

Orlando sentiu vontade de ignorar o irmão, deixando-o ali mesmo, uma presa fácil de um jaguar faminto, mas logo desistiu da vingança. Como era um rapaz de boa índole, desembainhou a espada e avançou na direção da fera, atacando-a e matando-a e deste modo salvando a vida de Oliveiros. Infelizmente, contudo, para sua infelicidade, antes de Orlando conseguir subjugar e matar a fera, esta reagira de modo violento, ferindo-o num dos braços com suas afiadas garras.

Enquanto Orlando se encarregava do jaguar, Oliveiros despertou e vendo que o irmão que ele havia tratado com tanta desumanidade estava ariscando a própria vida, a fim de salvá-lo daquela fera selvagem, encheu-se de vergonha e de remorso. Arrependido, pediu perdão ao irmão caçula, por sua conduta e imediatamente Orlando o perdoou. Os dois se abraçaram e a partir daquele instante Oliveiros passou a amar Orlando com verdadeira afeição fraterna, apesar de que havia entrado na floresta, com a intenção de matá-lo.

Como o ferimento no braço continuasse sangrando bastante, Orlando, por se sentir fraco demais, resolveu não visitar Ganimedes. Pediu então ao irmão Oliveiros que procurasse o pastor de ovelhas, a quem ele por brincadeira tratava-o por ‘minha Rosalinda’, e lhe contasse o ocorrido.

Oliveiros dirigiu-se então à casinha dos pastores e contou a Aliena e a Ganimedes o modo como Orlando salvara sua vida. Confessou também ser o irmão mais velho de Orlando, a quem havia tratado com tanta crueldade, mas informou que, felizmente, se tinham reconciliado.

O sincero arrependimento pelo mal que havia causado ao irmão caçu-



la impressionou de tal forma o coração da bondosa Aliena que esta logo se apaixonou por Oliveiros. E como nada pode ser mais gostoso que um amor correspondido, Oliveiros também se enamorou dela.

Ganimedes, quando soube do risco sofrido por Orlando, ao enfrentar o jaguar, e que o rapaz estava ferido, desmaiou. E pouco depois, ao recuperar os sentidos, declarou ter simulado uma vertigem, dizendo a Oliveiros:

— Conte a seu irmão como eu tão bem fingi um desmaio!

Oliveiros, contudo, percebendo a palidez no rosto do jovem pastor de ovelhas, concluiu que este de fato sofrera uma vertigem verdadeira e retrucou:

— Pois bem, se é verdade que você simulou tão bem um desmaio, sugiro que tome coragem e finja, agora, ser um homem de verdade!

— É o que estou fazendo — tornou Ganimedes, com sinceridade — embora eu devesse ter nascido mulher!

Propositalmente, Oliveiros prolongou sua visita ao máximo e quando por fim voltou a se avistar com o irmão, tinha muito que lhe contar. Ele descreveu o estranho desmaio de Ganimedes, ao saber que Orlando estava ferido, e relatou-lhe também de como caíra de amores por Aliena. Aquela formosa moça de bom grado aceitara sua corte, mesmo em se tratando, como de fato se tratara de um primeiro encontro. Ainda assim, como ele estava realmente apaixonado, decidiu que se casaria com ela, e completou que estava disposto a levar a vida como um simples pastor de ovelhas, deixando para ele, Orlando, sua casa e todas as suas propriedades.

— Você tem minha aprovação — exclamou Orlando, animado. — Pode marcar o casamento para amanhã mesmo e aí então convidarei o duque e seus amigos. Vá até lá, converse com sua linda pastora, acerte tudo com ela, que deve estar sozinha em casa, pois seu irmão acaba de chegar.

Oliveiros retirou-se para ir ter com Aliena, e Ganimedes, a quem Orlando percebera que se aproximava, logo indagou sobre a saúde do amigo ferido.

Quando os dois principiaram a falar sobre a súbita paixão entre Aliena e Oliveiros, Orlando confessou que havia aconselhado o irmão a se casar no dia seguinte. E que bom seria se ele próprio, Orlando, também pudesse desposar, na mesma ocasião, sua doce Rosalinda!

Ganimedes que também aprovava a idéia, afirmou que se Orlando de fato amava Rosalinda, tal como costumava afirmar que sim, ele decerto conseguiria seu desejo. E ofereceu-se para fazer com que, no dia seguinte,

Rosalinda aparecesse e, melhor de tudo, disposta a se casar com o valente lutador.

Raciocinava Ganimedes que sendo ele de fato a verdadeira Rosalinda disfarçada, seria capaz de realizar facilmente a admirável proeza. Teria de ser alguma coisa parecida com um passe de mágica, um truque que aprendera com um tio, um famoso mago.

O apaixonado Orlando, acreditando em parte e em parte duvidando do que acabava de ouvir, perguntou a Ganimedes se este falava a sério.

— Juro por Deus! — respondeu o suposto pastor de ovelhas — Por isso, vista suas melhores roupas, e convide o duque Sênior e seus amigos. E se de fato deseje mesmo se casar amanhã com Rosalinda, fique certo de que ela não faltará ao encontro!

Na manhã seguinte, Oliveiros, tendo obtido o consentimento de Aliena, foi com esta, e em companhia de Orlando, à presença do exilado duque.

Encontrando-se todos ali reunidos, a fim de celebrar um duplo casamento e como até então aparecera apenas uma das noivas, ficaram desconfiados: estaria Ganimedes caçoando de Orlando, prometendo o que não tinha condições de cumprir?

Sabedor de que seria sua própria filha que seria trazida à sua presença, por meio de um expediente tão estranho, o duque perguntou a Orlando se este acreditava que o pastor de ovelhas seria capaz de cumprir o que havia prometido. E quando o rapaz respondia que estava confuso, que francamente não sabia em que pensar, eis que apareceu Ganimedes o qual, dirigindo-se ao fidalgo exilado, perguntou-lhe se de fato lhe trouxesse sua filha, consentiria ele em que ela se casasse com Orlando?

— Claro que sim — respondeu o duque —, ainda que fosse ela a herdeira de inúmeros reinos.

Foi a vez de Ganimedes voltar-se para Orlando:

— E você, se casará com Rosalinda, se eu a trouxer?

— Casarei, sim, ainda que fosse eu o soberano de muitos reinos!

Ganimedes e Aliena saíram juntos e pouco depois o falso pastor de ovelhas retirou seu disfarce masculino, e vestido novamente como uma linda moça, mais que depressa, sem qualquer passe de mágica, voltou a assumir a identidade de Rosalinda. Aliena que trocara também as roupas de camponesa por suas ricas vestes, logo se transformava na doce e nobre Célia.

Enquanto se achavam a sós, o duque comentou que as feições de Ganimedes muito se assemelhavam às de sua filha Rosalinda, no que





Orlando concordou, pois percebera o mesmo.

Não tiveram tempo de imaginar como tudo aquilo haveria de terminar, pois as moças voltaram logo para a sala e Rosalinda, não mais fazendo crer que ali se encontrava graças a um passe de mágica, ajoelhou-se diante do pai, implorando suas bênçãos. Rosalinda preferiu não mais enganar o pai e ao invés contou toda a história de como tinha sido expulsa do palácio, pelo próprio tio, e de como, após chegar à floresta, disfarçara-se como um pastor de ovelhas, com a prima Célia passando-se por sua irmã.

O duque Sênior confirmou então sua permissão e deste modo Orlando, Rosalinda, Oliveiros e Célia casaram-se no mesmo instante. E apesar de as cerimônias terem sido celebradas em meio àquela selvagem floresta, sem qualquer luxo, ninguém jamais teria presenciado bodas mais felizes. E enquanto saboreavam carne de caça, sob a fresca sombra de copadas árvores, era como se nada mais faltasse para completar tamanha felicidade. Mas enganavam-se todos, porque surgiu de repente um mensageiro para comunicar ao nobre fidalgo que seu ducado lhe estava sendo devolvido.

O usurpador, irritado com a fuga de sua filha Célia, e sabendo que todos os dias, homens de grande valor voluntariamente se dirigiam à floresta das

Ardenas, a fim de se juntarem ao legítimo duque foi mordido pela inveja. Ele não admitia que o verdadeiro duque, embora em seu exílio, continuasse com tanto prestígio.

Furioso, Frederico colocou-se à frente de um grande exército e marchou no rumo da floresta, com a firme intenção de prender o irmão e passá-lo, juntamente com seus fiéis seguidores, pela espada. Mas por uma maravilhosa intervenção da Providência, esse mau irmão findou deixando de lado suas más intenções. Assim que atingiu com sua tropa os limites da floresta, foi procurado por um idoso religioso — um eremita — com quem conversou bastante e o qual, por fim, convenceu-o a não mais realizar seu cruel desejo.

Daí por diante, Frederico se tomou de um grande arrependimento, e voluntariamente decidiu-se a não só abrir mão de seus injustos domínios, quanto a passar o restante de seus dias recolhido num mosteiro. E o primeiro ato de sua penitência foi despachar um mensageiro à procura do irmão, oferecendo-lhe de volta o ducado, o qual ele usurpara por bastante tempo, e com isso devolvia também os bens, as propriedades e as rendas dos amigos que teriam acompanhado Sênior em seu infortúnio.

A notícia, tão inesperada quanto bem-vinda, chegara num momento oportuno, a fim de abrilhantar as festividades e aumentar o júbilo pelo casamento das duas princesas. Célia felicitou a prima pela boa sorte do duque, pai de Rosalinda, desejando-lhe sinceramente, toda a felicidade deste mundo, embora ela própria não mais fosse herdeira do ducado, em virtude da devolução do mesmo, a seu legítimo titular; Rosalinda passava agora à situação de herdeira e de tal modo era a afeição entre as duas jovens, que não havia a mínima chance de inveja ou ciúme.

O Duque Sênior tinha agora a chance de recompensar os verdadeiros amigos que o tinham acompanhado durante o exílio. E esses dignos seguidores alegraram-se por voltar, em paz e prosperidade, ao palácio do legítimo duque.



Ficha Técnica

Romeu e Julieta & Como Gostais

Texto de Charles e Mary Lamb

Tradução de Irênio de Faro

Ilustrações de Mozart Couto

ISBN: 978-85-61192-19-8

Coordenação editorial de Alberto V. Queiroz

Editoração – Magno Studio

Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP, 1ª edição – 2009

Este livro faz parte do Programa Gosto de Ler,
da Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos

Secretaria Municipal de Educação

Rua Felício Savastano, 240 – Vila Industrial – São José dos Campos – SP – 12220-270

Fone: (12) 3901-2000 – E-mail: 156@sjc.sp.gov.br

Todos os direitos reservados à Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP.

É vedada a reprodução total ou parcial da presente obra sem autorização expressa da detentora dos direitos.



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal



ISBN: 978-85-61192-19-8